

TURISMO E MEIO AMBIENTE NO PARQUE ESTADUAL GARTELÁ

Jully Gabriela Retzlaf¹
 Nilza Aparecida Freres Stipp²

RESUMO: Este trabalho abre várias perspectivas na discussão do turismo como categoria de análise, produto da ação humana no meio e seu desdobramento. Os objetivos do trabalho se prenderam a evidenciar os principais impactos ambientais advindos da atividade turística no Parque Estadual Guartelá, através de levantamentos bibliográficos e de trabalhos de campos. Os problemas ambientais, intensificados pelo turismo e acelerados devido à fragilidade do Arenito e da vegetação de Campos predominantes, se destacam através da destruição do patrimônio histórico, depredação das formações rochosas, destruição de parte da vegetação para implementação da infra-estrutura, pelo pisoteio das pessoas, processo de ravinamento nas trilhas, compactação do solo, extermínio da micro fauna existente, destruição de alguns trechos de campos úmidos, ameaça à qualidade das águas dos arroios e perturbação dos ecossistemas locais devido a fluxo de visitantes. São inúmeros os danos ambientais provocados pela atividade turística no local. Porém existem possibilidades de se reverter estas ameaças, buscando o planejamento do turismo sob a ótica da Educação Ambiental e da própria sustentabilidade desse ecossistema.

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, impactos ambientais, Parque Estadual Guartelá

TOURISM AND ENVIRONMENT IN THE STATE PARK GARTELÁ

ABSTRACT: This work (redimension) open some windows in the discussion of the tourism as analysis category, product of the human action in the environment and consequences. The aim of this work is to put in evidence the environmental impacts originated from tourist activities in the State Park Guartelá, through bibliography and field works. Environmental problems are intensified by the tourism actions and accelerate due to the fragility of sandstone and predominant fields vegetation. They also destruct the historical patrimony, pillage rocky formations, annihilate part of the vegetation by infrastructure implementation, Others defeats are: people's trampling, ravine process in the trails, soil compactation, extermination of the existent fauna, destruction of some areas of humid fields, threatens to the water quality of the streams and disturbance of the local ecosystems due to visitors' flows. Environmental damages are countless provoked by tourist activities. However exist possibilities of reverting this menaces, by tourism planning under the optic of the Environmental Education and sustainability of that ecosystem.

Key-words: tourism, environment, environmental impacts, State Park Guartelá

INTRODUÇÃO

Atualmente, o alvo das atenções são os problemas ambientais decorrentes de várias atividades que têm no meio ambiente sua mercadoria de maior valor. Dentro dessa perspectiva destaca-se a “indústria” do turismo e sua dimensão ambiental.

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL. e-mail: jullygeo@yahoo.com.br

² Professora Associada do Departamento de Geociências, CCE, UEL. e-mail: nfreres@londrina.net

Ao se estudar o meio ambiente e o turismo, é necessário discutir várias questões tais como: qual meio ambiente se pretende focar? Será que este é singular ou sofre variações? O porquê dessas variações?

Este trabalho redimensiona a discussão para o turismo como categoria de análise, produto da ação humana no ambiente e seu desdobramento positivo e negativo sobre ele. O objetivo do trabalho é levantar os impactos ambientais do turismo no Parque Estadual Guartelá, destacando os problemas ambientais, levantados através de trabalhos de campo realizado em Tibagi, município localizado na região centro - leste do Paraná, nos anos de 2003 e 2004.

CONCEITO DE MEIO AMBIENTE

Várias ciências, desde sua origem, principalmente a Geografia, demonstraram interesse em tratar de perto a temática ambiental, colocando-a como um dos principais focos de suas preocupações. Também procuraram conceituar meio ambiente, ora considerando-o somente como o conjunto de organismos – ecossistemas, ora considerando, além destes, o homem – geossistemas.

A superfície terrestre é representada pela organização de vários sistemas ambientais que passam por um processo de estruturação e funcionamento, resultante da dinâmica evolutiva, natural ou humana. Segundo Christofolletti (1999) os ecossistemas e geossistemas são categorias expressivas de sistemas ambientais. Com relação ao primeiro, os componentes abióticos representam o contexto de meio ambiente relevantes às comunidades dos organismos. Quanto ao segundo, os componentes físicos e biogeográficos que formam o geossistema constituem o meio ambiente para o homem no contexto da organização espacial.

Ao longo da história da humanidade, a interação homem e natureza se mostrou diversificada, a paisagem natural da Terra foi paulatinamente transformada em paisagem social e cultural. Da “primeira natureza” surgiu a “segunda natureza” – o espaço geográfico. Por isso não basta somente considerar o meio ambiente do ponto de vista dos elementos físicos e bióticos, mas também é necessário incluir a sociedade como um sistema a sofrer e a promover modificações em outros sistemas.

Levando em conta que o planeta possa ser visto como um organismo vivo, baseando-se no princípio de “gaia”, introduzido por Lovelock em 1960, também adotado pela ecologia profunda, não se deve dimensionar a preocupação somente para a sociedade, mas também para todos os sistemas existentes, uma vez que se comunicam vertical e horizontalmente.

O termo meio ambiente permite a sua utilização desde a escala de grandeza elevada, como a mundial, até as pequenas escalas locais. Os ambientes são divididos em vários, têm-se os continentais, os terrestres, os oceânicos, o social, o cultural etc. Dessa forma, o emprego da palavra é singular, porém o que diferencia cada ambiente são os significados e a expressividade do fenômeno manifestado.

Para o enfoque da problemática ambiental, desenvolveram-se duas perspectivas de análise do meio ambiente, uma com enfoque biológico e social, outra que considera a interação geosfera-biosfera.

Na primeira, com significação biológica e social, o meio ambiente é definido como “as condições, circunstâncias e influências sob as quais existe uma organização ou um sistema. Pode ser afetado ou descrito pelos aspectos físicos, químicos e biológicos, tanto naturais como construídos pelo homem. O ambiente é comumente usado para referir-se às circunstâncias nas quais vive o homem” (BRACKLEY, 1988, apud Christofolletti). Nesta perspectiva os seres vivos constituem os elementos essenciais, portanto torna-se expressiva da análise ecológica.

A segunda, que considera a funcionalidade interativa da geosfera-biosfera, focaliza “a existência de unidades de organização englobando os elementos físicos (abióticos) e bióticos que compõem o meio ambiente no globo terrestre”. São as unidades que compõem as diversas paisagens da superfície terrestre (CHRISTOFOLETTI, 1999). Prevalecendo nesta perspectiva a relevância antropogênica, à medida em que tais organizações espaciais constituem o meio ambiente, que se torna o suporte para o desenvolvimento das atividades humanas. O foco de relevância são as sociedades e seus sistemas de atividades sócio-econômicas.

Baseando-se na teoria Geossistêmica, CHRISTOFOLETTI (1999) redimensiona o conceito de meio ambiente sob o universo sistêmico, colocando que:

[...] o ambiente é constituído pelos sistemas que interferem e condicionam as atividades sociais e econômicas, isto é, pelas organizações espaciais dos elementos físicos e biogeográficos (da natureza). Os sistemas ambientais são os responsáveis pelo fornecimento de materiais e energia aos sistemas sócio-econômicos e deles recebem os seus produtos (edificações, insumos, emissões, dejetos, etc.).

Christofolletti (1999) coloca ainda, que o uso do adjetivo ambiental deve ser utilizado para contextualizar os componentes das características funcionais e dinâmicas dos sistemas que comportam os seres vivos. A Biogeografia para as sociedades humanas passa a ser elemento de condicionamento ambiental para o desenvolvimento das atividades sócio-econômicas. Assim, as mudanças que ocorrem nos sistemas ambientais físicos, que alteram

suas características, irão refletir direta ou indiretamente na vivência das comunidades humanas.

DIALÉTICA HOMEM E NATUREZA

Nos últimos anos com o aumento da industrialização e da urbanização do planeta, observam-se níveis cada vez mais elevados de exploração dos recursos naturais, acelerado pela ideologia do consumo - imposição da sociedade ocidental - via globalização, e da busca de maximizar os lucros. Todavia, a dinâmica dos componentes da natureza não consegue acompanhar o rápido ritmo de exploração dos elementos naturais, intensificados pelo desenvolvimento das atividades econômicas, o que gera, contudo, esgotamento do espaço natural, assim como o aparecimento de inúmeros problemas de degradação do meio ambiente. Esta degradação ambiental tem comprometido o meio ambiente para as sociedades humanas, como também para todas as formas de vida existentes no planeta.

À medida que se alteram as características físicas, químicas e biológicas da água, ar e solo, há uma reflexão direta na qualidade de vida das pessoas, porém não se deve limitar a análise somente à vida humana, como também a toda vida existente no planeta.

É interessante salientar que a relação desenvolvida pelo homem, no decorrer do tempo histórico com a natureza, mantém certa disparidade, já que o tempo histórico se limita a alguns milênios, e a história natural do planeta chega a aproximadamente 4,5 bilhões de anos. Portanto, a capacidade de recuperação dos efeitos, ações e danos causados pela ação antrópica ao ambiente e a reposição de determinados elementos não ocorrem no espaço curto do tempo histórico. Daí a emergência na atualidade de reflexões sobre a temática ambiental e o futuro do planeta, com vista para um novo redimensionamento econômico sobre a base do discurso do “desenvolvimento sustentável”.

Marx , 1970 (apud CASSETI, 1995) considera a natureza em dois momentos, porém não os separa “A história pode ser considerada de dois lados, dividida em história da Natureza e História dos Homens. No entanto , esses dois aspectos não se podem separar”. Para ele a natureza separada da sociedade não possui significância, mantendo sempre relação direta com atividade social, onde se postula que a “primeira natureza” é entendida como aquela que precede a história da humanidade.

A relação entre o homem / natureza, baseia-se no nível de desenvolvimento e transformação atingido pelas sociedades humanas. Lefebvre em sua obra “A Produção do Espaço” (1974), considera o espaço como a “segunda natureza”, conseqüência da prática social sobre a “primeira natureza”.

Para Marx, as condições naturais são entendidas enquanto condições para a vida humana de acordo como o envolvimento com os processos produtivos. Para Moraes, 1994 (apud BERNARDES, 2003) “Os fenômenos naturais são considerados como pressuposto geral de toda produção”.

Marx considerou a produção, um processo pelo qual o homem altera a natureza, através do trabalho, de modo a satisfazer suas necessidades, uma das condições de sua existência. Portanto, a relação, sociedade e natureza, se dá através do modo como certa sociedade se organiza para acessar e utilizar os recursos naturais, ou seja, a apropriação da natureza pelo indivíduo, se dá através da forma socioeconômica dominante, que determina a intensidade da exploração e da demanda dos recursos naturais.

Nos países desenvolvidos são poucos os espaços naturais intactos, muitas vezes preservados através de Parque Nacionais, ao contrário destes, os subdesenvolvidos ainda detêm parcelas significativas de espaço naturais preservados, porém ameaçados pela demanda cada vez maior do capitalismo.

Pode se dizer que as relações desenvolvidas entre homem/homem determinam a relação homem/natureza, condicionadas por um nível de desenvolvimento das suas forças produtivas, alteradas via a evolução da técnica e ciência ao longo da história.

Bernardes (2003) coloca que em cada época da história, o espaço adquiriu um valor, de acordo com as necessidades humanas. A qualidade, quantidade e variedade de recursos naturais disponíveis condicionaram a ação do homem mediado pela técnica, produtora do espaço.

O modelo atual de desenvolvimento econômico, o capitalismo, depende da produção e ocupação de um espaço, modificando e alterando-o de acordo com seus interesses. Com isso tem-se a adequação do meio ambiente circundante às necessidades humanas.

É através da técnica que o homem promove modificações significativas no espaço, intensificando o domínio sobre a natureza e ampliando o espaço geográfico (mantido por um suporte físico e um fato social) denominado por Milton Santos (2001) como o meio-técnico-científico-informacional. “Portanto toda diferenciação social (contradições / desenvolvimento) precede e predetermina toda diferenciação ecológica”. (BERNARDES, 2003)

Diante das questões levantadas sobre a relação homem/ natureza tem-se que para o Planeta, esta interação não se dá de maneira satisfatória, assim a preocupação com conservação ambiental, fez surgir duas vertentes no interior do movimento ambientalista: a

preservacionista, que visa proteção da natureza em seu estado inicial e a conservacionista, que prega o uso sustentável dos recursos naturais.

O destaque maior deste trabalho é dentro do paradigma da corrente preservacionista, com destaque para atividade ecoturística, que se utiliza de áreas de Unidades de Proteção Integral como: Parques Nacionais, (Estaduais e Municipais), Estação Ecológica, Reserva Biológica, Monumento Natural, Refúgio de Vida Silvestre entre outros, para extrair capital e alimentar a “indústria do turismo”. Como se frisou anteriormente, toda ação humana no ambiente gera alterações no seu estado inicial, o turismo, por si só concretiza esta afirmação, visto como expressão sócio-econômica, enquanto atividade humana que depende da natureza para sua viabilidade.

TURISMO E MEIO AMBIENTE

Tomando como base as reflexões feitas a cerca da dialética que envolve o homem e a natureza e as designações dadas ao meio ambiente, podem-se fazer prévias reflexões sobre a ação humana através do turismo, no espaço natural, e os futuros problemas gerados pelo mesmo.

A expansão da atividade turística vem despertando a atenção de vários pesquisadores e diversos segmentos da sociedade, quanto à área de abrangência desta atividade e seus desdobramentos no meio ambiente, já que se utiliza do compartimento natural, social e cultural. Portanto, todo fenômeno turístico implica positiva ou negativamente em escala socioambiental.

Nas últimas décadas a “indústria do turismo” está ganhando cada vez mais espaço na economia mundial, principalmente em países subdesenvolvidos, que utiliza dos arranjos do ambiente natural e social como matéria-prima motriz a ser transformada em potencial turístico.

Seara (2003) argumenta que a indústria do turismo mesmo sendo sem chaminés tem a capacidade de provocar impactos socioambientais significativos, que “...o forte crescimento das atividades não vem acompanhado de um planejamento e gestão que possam contribuir para sustentabilidade dos ambientes visitados...”. Para viabilizar os estudos dos impactos ambientais o único instrumento utilizado são os EIAs e RIMAs, adaptados para atender a demanda da atividade.

A atividade turística está ligada diretamente ao meio ambiente e o utiliza como mercadoria para ser consumida e transformada, produzindo o espaço turístico, porém para considerar este “meio ambiente” é preciso ter em discussão que as ações antrópicas no

espaço, geram ambientes diversificados cada um com sua significação e grau de importância para a humanidade. Portanto, ao considerar o turismo no meio ambiente, não se considera este último somente como o suporte físico, mas sim toda a concretização social expressa no espaço, promovendo o surgimento de diversificados meio-ambientes.

Swarbrooke, (1999) considera que no turismo, o meio ambiente é abordado de cinco formas diferenciadas, considerando o suporte físico e o fenômeno sócio-cultural: o Meio Ambiente Natural; O Meio Ambiente Rural; Vida Selvagem, Recursos Naturais e o Meio Ambiente Construído. Este trabalho limitou-se somente à análise do meio ambiente natural, a vida selvagem e os recursos naturais, não que o enfoque dos outros meios ambientes fossem desnecessários, mas usando o Parque Estadual como unidade de análise, se fez necessário limitar o assunto.

O Meio Ambiente Natural: abrange o suporte físico e biogeográfico, responsável pela elaboração de belezas cênicas – matéria –prima para a indústria do turismo. Podem-se destacar as áreas de montanhas; os mares, rios e lagos; cavernas; praias e florestas naturais.

Com relação à paisagem natural, esta representa o maior alvo da destinação turística, Paiva (apud CORIOLANO, 1999) coloca que “os ambientes naturais constituem cada vez mais motivações turísticas, sobrepondo-se na maioria das vezes a outros tipos de atrações”.

Devido à amplitude do uso dos recursos naturais, há que se considerar que existem poucos cenários “naturais” no mundo, quase todos os ambientes naturais foram ou estão sendo afetados pelas atividades humanas, e o turismo é apenas uma delas.

Em muitos países, principalmente os subdesenvolvidos, que tem uma parcela considerável de belezas cênicas preservadas, como áreas de florestas fechadas, parques nacionais entre outros, o espaço natural é ainda mais visado para fins turísticos.

Atualmente as regiões de florestas, como por exemplo, a Floresta Amazônica, vem sendo alvo dos turistas, dada à beleza de suas plantas e animais exóticos, constituindo nova perspectiva de exploração da natureza pela comunidade local, como também nova fonte de renda.

O Quadro 1 evidencia os países acima de tudo subdesenvolvidos que vêm no turismo uma nova fonte de capital e geração de empregos.

Vida Selvagem: a vida selvagem ganha vários sentidos com relação ao turismo, destacando-se áreas onde a vida representa um atrativo para os turistas como: florestas,

áreas para caça de animais selvagens – os safáris, pesca, observação da vida marinha, zoológicos, aquários e eventos tradicionais como a corrida de touros, ursos dançarinos.

Os efeitos negativos do turismo na vida selvagem são inúmeros e os mais frequentes são: a destruição dos habitats; interferências nos hábitos alimentares; perturbação nos padrões de reprodução, ocorrências de incêndios florestais e por fim colheita de plantas raras. Todavia, o turismo não traz somente malefícios, mas também pontos positivos como: a criação de reservas, parques, de monumento natural e reserva biológica entre outros, a fim de preservar determinado ecossistema, contribuindo até mesmo para preservar uma espécie ameaçada de extinção.

Quadro 1 – Países que possuem as maiores áreas de florestas fechadas

País	Área de Florestas Fechadas (hectares)
Brasil	357.480.000
Indonésia	113.895.000
Zaire	105.750.000
Peru	69.680.000
Índia	51.841.000
Colômbia	46.400.000
México	46.250.000
Bolívia	44.010.000
Papua-Nova Guiné	34.230.000
Birmânia	31.941.000
Venezuela	31.870.000
Congo	21.340.000
Malásia	20.995.000
Gabão	20.500.000
Guiana	18.475.000
Camarões	17.920.000
Suriname	14.830.000
Equador	14.250.000
Madagascar	10.300.000

Fonte: Ota (1984); Mittermeier & Oates (1985)

Os Recursos Naturais para o turismo compreendem o ar, a água e o clima (um dos elementos principais para a ocorrência de vida no planeta). Em alguns casos constituem o atrativo principal do lugar. Destacando as praias, lagos, cachoeiras, montanhas (ar limpo), fontes termais, clima favorável para o desenvolvimento de atividades turísticas, que também de certa forma influenciam na dinâmica natural da paisagem entre outros.

Os recursos naturais são bem visados pela “indústria do turismo”, em alguns casos as conseqüências da atividade de exploração é irreversível ao meio ambiente, permitindo que progressivamente os recursos naturais se esgotem senão administrados de maneira sustentável. Alguns dos principais impactos ambientais causados nos recursos naturais gerados pelo turismo são:

- poluição das águas das praias, lagos etc, promovendo a destruição do bioma existente e o comprometimento da qualidade da água;
- poluição das águas dos rios e oceanos pelos dejetos liberados pelos esgotos, ampliada muitas vezes por causa da infra-estrutura turística implantada no local;
- ampliação do espaço construído, influenciando no clima local;

A relação homem-natureza não é imutável, a relação do turismo com o meio também não o é, até porque o turismo é fruto do trabalho humano que vem se alterando ao longo da história da humanidade devido ao aperfeiçoamento da técnica e da ciência, e reproduzido pela lógica capitalista do desenvolvimento desigual e combinado.

Coccosis, 1996 (apud SWARBROOKE, 2000) define esta dialética como

[...] uma característica importante da interação entre o turismo e o meio é a existência de fortes mecanismos de realimentação: o turismo com frequência tem efeitos adversos sobre a quantidade - e a qualidade - dos recursos naturais e culturais, mas ele é afetado pelo declínio da qualidade e da quantidade desses recursos (Coccosis, 1996, apud SWARBROOKE,2000).

Como toda ação humana no ambiente gera transformações e mudanças, tanto negativas quanto positivas, o turismo no meio ambiente também gera impactos negativos e positivos, que refletem direta ou indiretamente na vida social e econômica das pessoas. Quanto aos aspectos positivos há que se ressaltar a diversificação da economia local e regional, geração de empregos diretos e indiretos, melhoramento da infra-estrutura básica de saneamento e transporte, cumprimento mais rigoroso da lei que se refere ao meio ambiente e aos recursos naturais, e até mesmo reforma e ampliação das mesmas, criação de parques, reservas, corredores ecológicos, entre outros que contém relevante interesse turístico, o que contribui para proteger e conservar espaços naturais em sua forma inicial, melhoria de equipamentos para áreas protegidas, intensificação do monitoramento ambiental, reforço da política ambiental, etc. Todavia os impactos negativos sobre o meio ambiente parecem estar prevalecendo, “por isso, muito ainda se discute sobre o real potencial da atividade ecoturística em conservar a diversidade biológica e cultural para um desenvolvimento sustentável” (BOO, 1995).

No Quadro 2 observam-se os impactos potenciais mais importantes do turismo sobre o meio ambiente natural.

TURISMO NO PARQUE ESTADUAL GUARTELÁ

Um Parque, geralmente abrange extensas áreas, que contenha um ou mais ecossistemas naturais preservados ou pouco alterados pela ação humana, dotados de atributos naturais ou paisagísticos notáveis e contendo ecossistemas ou sítios geológicos de grande interesse científico, educacional e recreativo. A visitação na área é permitida, mantendo sempre o interesse exclusivo da proteção integral da área, que é a principal finalidade.

Quadro 2 – Impactos do turismo no meio ambiente

Aspecto do impacto	Conseqüência em potencial
Composição de espécies da fauna e da flora	* perturbação de hábitos de reprodução
	* matança de animais pela caça
	* matança de animais para fornecimento de produtos para o mercado de souvenirs
	* migração de animais para o interior e exterior
	* pisoteio e danos à vegetação pela passagem de pedestre e veículos
	* destruição da vegetação pela coleta de madeiras ou plantas
	* Mudança na extensão e/ou na natureza da cobertura vegetal por sua remoção ou pelo planejamento de facilidades de acomodação para turistas
Poluição	* criação de reservas/ santuários da vida selvagem ou restauração de hábitat
	* poluição das águas pela descarga de detritos, derramamentos de óleo/petróleo
	* poluição do ar por emissão de veículos, queima de combustíveis para aquecimento e iluminação
Erosão	* poluição sonora devido ao transporte de turistas a suas atividades
	* compactação de corpos sólidos causando aumento de deslizamentos da superfície e erosão
	* alteração do risco de ocorrência de deslizamento/movimentação
	* alteração no risco de ocorrência de avalanches
Recursos Naturais	* danos às características geológicas
	* danos à ribanceira de rios
	* Esgotamento no solo e fornecimento de água na superfície
	* esgotamento de combustíveis fósil que gera energia para as atividades dos turistas
	* alteração do risco de incêndio
	* esgotamento de recursos minerais para materiais de construção
Impacto Visual	* exploração excessiva de recursos biológicos
	* alteração nos padrões hídricos
	* alteração da terra usada para produção primária
	* facilidades (edificações, teleféricos, estacionamentos)
	* lixos esparramados
	* detritos, florescimento de algas

Fonte: Hunter e Green, 1996 (apud Swarbrooke)

O Parque Estadual Guartelá situa-se na microrregião de Telêmaco Borba no município de Tibagi, porção centro-leste do Estado do Paraná, distando 18 Km da sede municipal pertencente ao Bairro Guartelá de Cima. Localiza-se no Segundo Planalto

Paranaense, à margem esquerda do rio Iapó, dominado pela vegetação de Campos Gerais, figura 1.

A preservação aí se dá por vários motivos. Além de possuir belezas cênicas e um valioso patrimônio histórico-cultural, possui, intactas, porções de vegetação de Campos, e áreas relictuais? de Cerrado, bem como trechos de Florestas de características diferenciadas, formando um sistema integrado com porções da floresta Atlântica, de floresta ombrófila mista montana e aluvial com Araucárias e porções da floresta estacional semidecídua do Norte do Paraná. A base estrutural do Parque é o Arenito Furnas da formação Paraná, que proporciona o desenvolvimento de intrigantes formas esculturais no próprio arenito – aspectos runeiformes?, porém é frágil e de fácil degradação.

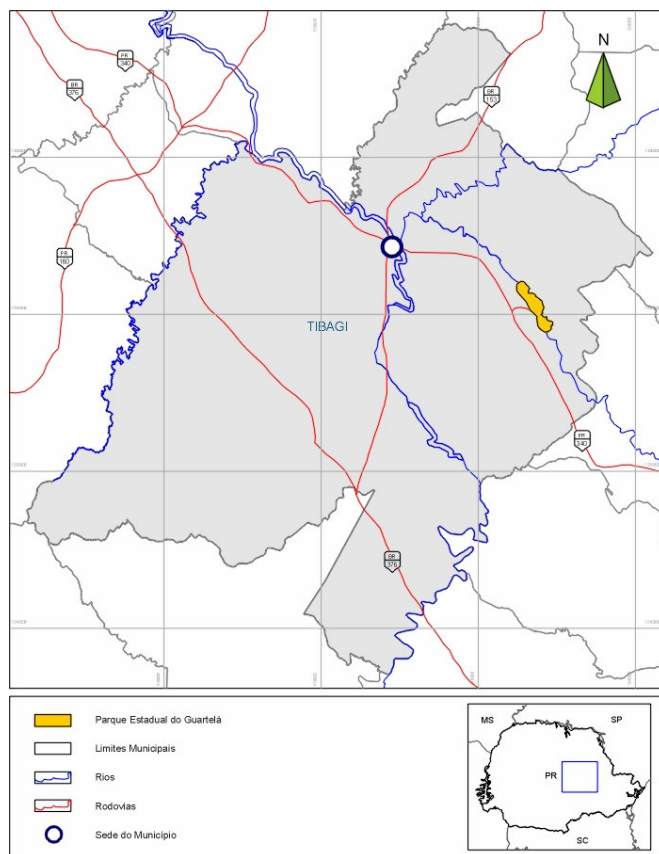


Figura 1 – Localização do Parque Estadual do Guartelá

Possui uma densa rede hidrográfica, com inúmeros arroios, cachoeiras que deságuam no Rio Iapó, afluente do rio Tibagi, responsável pela formação do “Canyon Guartelá” atrativo principal do Parque.

Este conjunto de características físicas, forma um cenário natural de inigualável beleza que desperta a atenção de inúmeras pessoas, pesquisadores de diversas áreas, estudantes entre outros, constituindo-se principalmente em um grande alvo da “indústria do turismo”, para a prática do ecoturismo.

O início da visitação na área é antigo, porém a massificação da atividade turística data de meados dos anos 80, acelerando nos últimos anos. O acesso à área se dava de forma desordenada e sem nenhum planejamento, qualquer ponto poderia ser visitado, sem haver nenhuma preocupação latente quanto à preservação dos recursos naturais, bem como do corredor ecológico e do patrimônio cultural.

O Parque Estadual Guartelá, foi criado pelo decreto 2.329 de 24 de Setembro de 1996, oficialmente implantado em 1997, com uma área de 798,97 ha. Atualmente busca-se a alteração desta área com a anexação de cerca de 500 ha.

Os danos, provocados pelo turismo na Unidade de Conservação são vários, pois à medida em que se intensificou a visitação, o suporte físico e ecológico foram seriamente perturbados. Por outro lado, senão fosse a ampliação da visitação na área, talvez não haveria interesse em transformá-la em parque.

Os recursos potenciais do Parque que visam a destinação turística são: os sítios arqueológicos, a Cachoeira da Ponte de Pedra, Lapas, Formas Bizarras no Arenito, observação de ecossistemas variados, Observatório de aves, Arroios, Painéis do Sumidouro para banho, Canyon do Rio Iapó, Mirante voltado para o Canyon, Gruta da Pedra Ume entre outros.

Devido à intensificação do turismo no parque, vários problemas ambientais foram surgindo, (ver figura 2) pois o Arenito Furnas, que constitui a base geológica do Parque, é muito suscetível e de fácil degradação como também todo o ecossistema dominante – a vegetação de campos.

Os impactos negativos mais importantes, provocados pelo turismo na área são:

- destruição do patrimônio histórico através da degradação das pinturas rupestres;
- depredação das formações rochosas;
- destruição de parte da vegetação para a implementação de infra-estrutura, e até mesmo pelo próprio pisoteio das pessoas;
- aceleração do processo de ravinamento nas trilhas;

- destruição da camada fina do solo como também retirada da camada de húmus;



Figura 2 - Trecho da Trilha 2 com Processos Erosivos.
Fonte: Gaertner, 2002.

- compactação do solo e conseqüente destruição da microfauna existente;
- destruição de alguns trechos de campos úmidos – impedindo o desenvolvimento da vegetação;
- transformação das características originais da estrutura rochosa, formando “degraus” (pisoteio dos visitantes), para acessar lugares de maior declividade;
- ameaça à qualidade das águas dos arroios, por causa a intensificação de banhos no lugar;
- perturbação dos ecossistemas locais devido ao fluxo de visitantes, etc.

Com se percebe são inúmeros os danos ambientais provocados pela atividade turística no local, porém há chances de se reverter este quadro, buscando o planejamento adequado do turismo sob a ótica da sustentabilidade.

O IAP, já providenciou algumas medidas que minimizaram a ação do turismo na área, através de colocação de trilhas suspensas em locais de campos úmidos, proibição de acesso à mata, desativação de algumas trilhas, que, aliás, encontram-se totalmente degradadas. Proibições de acampamentos como também a desativação da área de camping, proibição de acesso à Gruta da Pedra Ume (que possui as pinturas rupestres, que se encontram bastante danificadas), proibição de banho na cachoeira da ponte de pedra, permissão de acesso aos sítios arqueológicos somente com guias especializados, proibição de churrasqueiras e lanchonetes, calçamento de um trecho da trilha. Entretanto, mesmo com as providências tomadas pelo IAP para minimizar os impactos, há muito que se fazer.

Os problemas ambientais, gerados no parque em decorrência do turismo, pode se reverter se houver maior interesse e cobrança por parte da comunidade e do órgão responsável. Não cabe somente ao IAP a responsabilidade em estar gerenciando e monitorando a área, mas também aos visitantes e toda comunidade local. Na verdade, já há uma mobilização por parte dos visitantes quanto à preservação e a realização de um turismo mais sustentável.

Nas entrevistas realizadas com os visitantes do Parque Estadual Guartelá apurou-se que a maioria dos visitantes acredita que o turismo possa causar prejuízo ao meio ambiente, porém se planejado de maneira adequada pode reduzir os impactos. Com relação à forma de como os turistas vêem o parque, a maioria acredita que o local ainda se encontra preservado, porém já afetado pelo turismo, também ressaltam que se sentem responsáveis pela preservação do parque, mas às vezes não sabem que posicionamento devem assumir e acabam deixando toda a responsabilidade para a administração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência da problemática ambiental gera várias discussões, em especial quando se aborda a atuação do turismo no espaço. Neste trabalho, alguns pontos de reflexão foram ressaltados, mas é preciso muito mais parâmetros para se discutir sobre o assunto.

Visto a dicotomia homem e natureza, e como o turismo se apropria da mesma para gerar capital, torna-se de extrema importância que se faça um planejamento adequado do turismo em Áreas de Preservação, que mantêm relevante interesse turístico, para que os agentes impactantes sejam minimizados, permitindo assim a preservação do espaço natural para que futuras gerações possam desfrutar das belezas naturais, conciliando o uso do espaço natural para destinação turística com noções fundamentais de Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco P. M.. Sociedade e Natureza. In: CUNHA & GUERRA (org.). A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOO, E. O Planejamento Ecoturístico para as Áreas Protegidas. In: Ecoturismo: um guia para o planejamento e Gestão. São Paulo: Editora SENAC, 1995.

CASSETI, Valter. Ambiente e Apropriação do Relevo. São Paulo: Contexto, 1991.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Abordagem Ecológica e Geográfica na Análise de Sistema Ambiental. Revista Ciência Geográfica – Bauru – V. 12: Janeiro / Abril – 1999.

- CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. Turismo e Degradação Ambiental no litoral do Ceará. In: LEMOS, A. I. G. (org.). Turismo: Impactos Socioambientais. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- LIMA, Roberto Xavier de. Conservação da Natureza e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. In: Capacitação de Gerentes de Unidade de Conservação. Curitiba: UNILIVRE, 2001.
- MENDONÇA, Francisco. Geografia e Meio Ambiente. São Paulo: Contexto, 1993.
- Plano de Manejo do Parque Estadual do Guartelá : IAP, 2002
- MILANO, Miguel Serediuk. Conceitos Básicos e Princípio Gerais de Planejamento, Manejo e Administração de Unidades de Conservação. In: Capacitação de Gerentes de Unidade de Conservação. Curitiba: UNILIVRE, 2001.
- RODRIGUES, Cleide. A Teoria Geossistêmica e sua Contribuição aos Estudos Geográficos e Ambientais. Revista do Departamento de Geografia – USP, nº14 p.69 -77, 2001.
- SANTOS, Milton: Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional In: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEARA, Lília. Turismo Sustentável: Planejamento e Gestão. In: CUNHA & GUERRA (org.). A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SWARBROOKE, J. Turismo: Conceito e Impacto Ambiental. São Paulo: Aleph, 2000.